

Zootopônimos indígenas da região insular de Ananindeua-PA

Indigenous toponyms of the insular region of Ananindeua-PA

Karla Juliana da Silva Oliveira¹
ORCID: 0000-0002-3822-200X

Abdelhak Razky²
ORCID: 0000-0001-9250-8917

DOI: 10.26512/rbla.v13i01.38394

Recebido em maio de 2021 e aceito em agosto de 2021.

Resumo

Este artigo consiste em um estudo dos nomes de lugares, topônimos, do município de Ananindeua-Pará, em especial os zootopônimos de origem indígena de acordo com a classificação taxonômica proposta por Dick (1990a, 1990b). O trabalho integra a dinâmica geossociolinguística (Razky 1998) do eixo de pesquisa Atlas Linguístico do Português em Áreas Indígenas (ALiPAI) do projeto Geossociolinguística e Socioterminologia coordenado por Abdelhak Razky (UnB/UFPA/CNPq). O presente trabalho tem como objetivo principal documentar e analisar topônimos dos bairros, comunidades, furos de rios, rios, ilhas e igarapés da cidade de Ananindeua-PA, a fim de classificá-los quanto à sua estrutura morfológica e suas causas denominativas. Os dados organizaram-se num quadro com as respectivas colunas (topônimo / acidente geográfico / etimologia / estrutura morfológica). Os resultados reforçam a influência indígena ao analisar as motivações toponímicas dos nomes (rios, igarapés, furos de rio e ilhas), especialmente, na região insular do referido município.

Palavras-chave: Topônimos. Zootopônimo. Taxonomia. Geossociolinguística. Ananindeua-PA.

Abstract

This article consists of a study of place names, toponyms, in the municipality of Ananindeua-Pará, especially the ananindeuense zootoponyms, a taxonomic classification proposed by Dick (1990a, 1990b). The work integrates the geosociolinguistic dynamics (Razky 1998) of the research axis Linguistic Atlas of Portuguese in Indigenous Areas (ALiPAI) of the Geosociolinguistics and Socioterminology project coordinated by Abdelhak Razky (UnB/UFPA/CNPq). The present study aims at documenting and analyzing toponyms of neighborhoods, communities, boreholes of rivers, rivers, islands and streams in the city of Ananindeua-PA, in order to classify them according to their morphological structure and their denominative causes. The data were organized in a table with the respective columns (toponym / geographical

feature / etymology / morphological structure). The results reinforce the indigenous influence when analyzing the toponymic motivations of the names (rivers, streams, river holes and islands), of the insular region of the referred municipality.

Keywords: Place names. Zootoponym. Taxonomy. Geosociolinguistics. Ananindeua-PA.

1. Introdução

Este artigo propõe a análise e a documentação dos zootopônimos indígenas, classificação taxonômica proposta por Dick (1990a, 1990b), do município de Ananindeua-PA, a fim de classificá-los quanto à sua estrutura morfológica, etimologia e causas denominativas. Este trabalho é um recorte da pesquisa de Mestrado intitulada “Estudo Toponímico no Município de Ananindeua-Pará”, na qual foram coletados topônimos de acidentes físicos e humanos da cidade de Ananindeua (Mesorregião Metropolitana de Belém), o que resultou em um conjunto de 135 designativos (9 de ilhas, 24 de bairros, 8 rios, 68 igarapés, 6 furos de rio, 5 braços de rio e 15 comunidades). Dentre os 135 topônimos coletados 48 deles são de origem indígena, onde 35 deles se enquadram na categoria das taxonomias de natureza física e treze na categoria das taxonomias de natureza antropocultural.

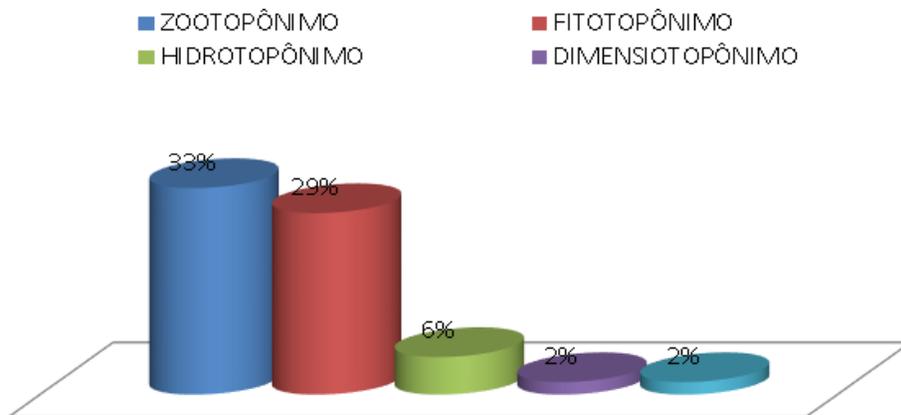
Analisado sob o olhar da Onomástica, o topônimo reflete o processo de nomeação e as informações referentes à língua, pois cada língua existe em função das necessidades sociais de designar ou nomear a realidade. Para Biderman (2001), “a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento de mundo”. Assim, analisar um nome de um determinado lugar é uma das formas que se tem de observar a preservação dos valores culturais, e ideológicos de uma comunidade geográfica. E é por meio da Toponímia, documentação e análise dos nomes dos lugares, que tal observação se torna possível:

Parte-se do princípio de que o nome de lugar é também uma manifestação cultural, pois nele estão substanciados valores, crenças, projetos de vida, além da impressão que a natureza evoca no denominador. Como a história das palavras acompanha a saga histórica do homem, são transplantadas por ele e utilizadas para identificação de novos referentes, incluindo os lugares (Isquierdo 2012:82).

Nesse sentido, o homem utiliza suas impressões internas ou externas para denominar um local, “elaborando, participando, sentindo, expressando,

comunicando, em suma, o resultado dessas compartimentações está sedimentado em fatos que organizam e corporificam a produção cultural de um povo” (Dick 1990a:30). Elegeu-se, então, a região insular do município supramencionado para uma análise dos zootopônimos presentes na pesquisa de mestrado citada alhures. Numericamente, verificou-se que, dos 135 topônimos coletados, apenas 117 foram analisados de acordo com os objetivos do trabalho. Dentre os 117 designativos analisados, 65% pertencem às taxonimias de natureza física, enquanto 35% pertencem às taxonimias de natureza antropocultural. Os topônimos de natureza física mais recorrentes são os zootopônimos e os fitotopônimos.

Gráfico 1 - Taxonimias de Natureza Física na toponímia indígena de Ananindeua/PA



Os percentuais do Gráfico 1 demonstram a superioridade na produtividade da taxa relacionada à índole animal, seguido da taxonímia relativa à índole vegetal. Esses resultados evidenciam a valorização do meio ambiente e da atividade pesqueira, considerada a mais recorrente entre os primeiros habitantes da região insular de Ananindeua, o que justifica a escolha do estudo dos zootopônimos para este trabalho.

2. Motivação Toponímica

Ao nomear uma localidade, o denominador é movido ou por suas impressões internas ou pelas características físicas do lugar. A análise dos topônimos é feita em suas características internas (filiação linguística

dos topônimos e respectiva pesquisa etimológica) e externas (motivação toponímica). Biderman (2001:178) pontua que:

qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua.

É nesse sentido que Dick (1990a) destaca a importância do estudo toponímico com viés linguístico, em que se procura “compreender o nome do lugar a partir da observação etimológica estrutural (considerando a estrutura formal do sintagma toponímico) e a classificação taxonômica”. Neste processo o pesquisador volta sua atenção para os aspectos etimológicos, morfológicos, lexicológicos e/ou terminológicos. Pelo viés extralinguístico, o topônimo é analisado, segundo Isquerdo (2008:37), “na perspectiva das causas denominativas que impulsionaram o denominador no ato da nomeação – influências étnicas, culturais, históricas, mitológicas e ambientais, ambiente físico e social”, aspecto também considerado de suma importância, embora haja mais características antropológicas, históricas e geográficas.

Nomear é uma atividade bastante significativa para o homem. Quando se chama alguém ou algum lugar pelo seu designativo, não se reflete sobre o significado que tal nome revelaria. Faz-se de maneira automática, no máximo, ocorreria uma singela curiosidade a respeito da nomeação, mas sem a percepção da riqueza de detalhes que este nome esplandeceria. Conforme Dick (1990a:32), “a efetiva capacidade do ser humano para a linguagem permite-lhe, conseqüentemente, traduzir em “formas significativas” ou em “palavras”, os mais variados aspectos de sua cultura”.

Além de se contar com essa capacidade para os estudos toponímicos, a onomástica habilita o pesquisador a ir além, pois seus objetivos superam a singela curiosidade mencionada. Trata-se de uma análise da significação dos nomes, do estudo de sua origem, da formação dos designativos, dentre outras riquezas.

E, para a análise da significação do nome, é importante observar que o elemento identificador de lugar é formado por dois constituintes, o termo genérico e o termo específico. O nome próprio de lugar liga-se ao acidente geográfico que identifica, constituindo assim uma relação binômica. Em

relação à sua estrutura morfológica, o topônimo, conforme Dick (1990a), pode ser classificado em topônimo simples, composto ou híbrido: *Simples*, quando o topônimo é formado por um único radical (Subs. ou Adj./ com ou sem sufixos); *Composto*, quando o topônimo apresenta mais de um radical; e *Híbrido*, quando o designativo é formado por elementos linguísticos de diversas línguas.

Quanto a essa classificação, uma nova subdivisão foi apresentada por Dargel e Ribeiro (2013): *Simples* (topônimo formado por um só elemento); *Simples híbrido* (topônimo formado por um só elemento, porém com mais de um estrato linguístico); *Composto* (topônimo formado por mais de um elemento linguístico da mesma língua); e *Composto híbrido* (topônimo formado por dois ou mais elementos linguísticos de línguas diferentes). Utilizar-se-á, neste trabalho, essa nova classificação.

Dick elaborou um sistema de taxonomia com 11 (onze) taxonimias de Natureza Física (NF), que se relacionam ao ambiente físico – e 16 (dezesseis) taxonimias de Natureza Antropocultural (NA) – relacionadas ao homem e a sua relação com a sociedade e a cultura (Dick 1990b:31).

- Taxonimias de NF: astrotopônimos, cardinotopônimos, cromotopônimos, dimensiotopônimos, fitotopônimos, geomorfotopônimos, hidrotopônimos, litotopônimos, meteorotopônimos, morfotopônimos, zootopônimos.
- Taxonimias de NA: animotopônimos, antropotopônimos, axiotopônimos, corotopônimos, cronotopônimos, ecotopônimos, ergotopônimos, etnotopônimos, dirrematotopônimos, hierotopônimos, historiotopônimos, hodotopônimos, numerotopônimos, poliotopônimos, sociotopônimos, somatopônimos.

Para este trabalho serão apresentados somente os zootopônimos (topônimos de índole animal, representados por indivíduos domésticos), da região insular de Ananindeua por ser a taxonomia predominante no corpus analisado.

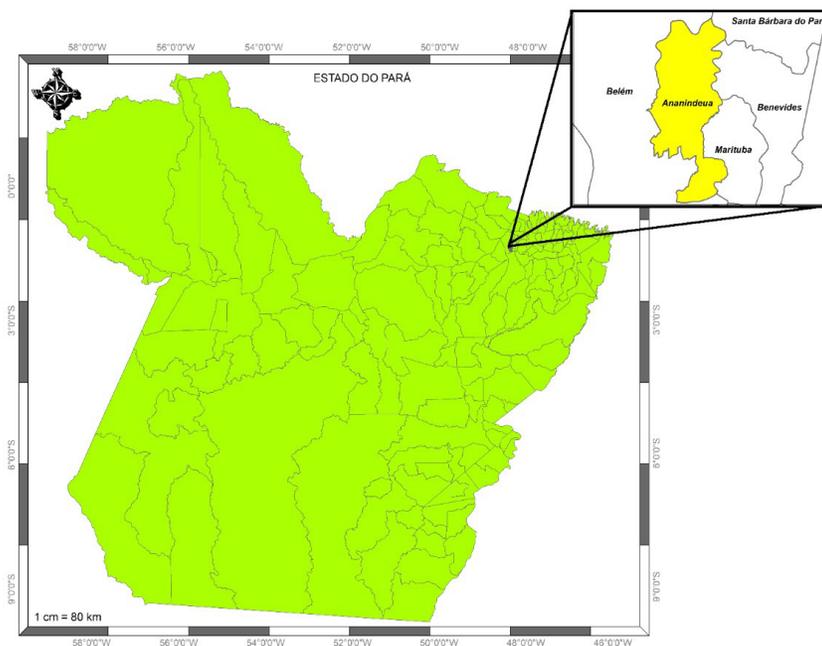
3. Contexto e método da pesquisa

Neste estudo, elegeu-se o município de Ananindeua – componente da Região de Integração Metropolitana (também conhecida por Guajará) para uma análise dos topônimos que nomeiam rios, furos de rios, ilhas e igarapés.

Surgido em 1943, o município de Ananindeua (figura 1) é considerado médio, com 505.512 habitantes (99,76% de população urbana e 0,24%, rural).

Este município, no ato do seu batismo, possuía uma área que apresentava muitas árvores de frutos *anani*, motivação para a denominação. Atualmente, o município perdeu essa característica física, porém o estudo onomástico possibilitou um resgate das características locais, a fim de se realizar a leitura e a tradução cultural de um meio ambiente que ficou apenas no passado. Embora o elemento motivador já não exista em abundância na localidade pesquisada, um resgate da história ananindeuense é a forma de traduzir essa cultura do povo e da paisagem que já foi modificada pelo tempo. A esse respeito, Dick (1990) informa que “os topônimos guardam em suas estruturas uma significação clara, transparente, mas que pode ter se tornado opaca devido ao distanciamento espaçotemporal”.

Figura 1 – Mapa da região Norte e do município de Ananindeua



Fonte: Rodrigo Rocha

O processo de levantamento de dados mostrou que não há registro da maior parte dos topônimos em nenhuma das secretarias municipais visitadas. Os primeiros topônimos foram coletados dos dados do IBGE, posteriormente, outros nomes foram encontrados por meio dos livros

Ananindeua: dos trilhos ao asfalto (Mendes 2003), *Atlas Básico do Município de Ananindeua* (Costa, Assano e Jansen 2014) e *Educação Ribeirinha: paradigmas, diversidade e saberes – Ilha de João Pilatos – Escola Domiciano de Farias* (Mendes 2016).

Na segunda fase desse trabalho, houve a necessidade de visitar as ilhas com a finalidade de levantar o maior número possível dos designativos de igarapés, furos, rios e comunidades. Constatou-se que os nomes não encontrados nos órgãos competentes estão apenas na memória de alguns moradores locais, principalmente na memória dos que exerciam/exercem atividade pesqueira – atividade que, bastante exercida anos atrás, tem diminuído, fato que restringiria ainda mais o acesso aos topônimos guardados na memória desse povo. Assim, a partir de entrevistas com moradores das ilhas, foi possível conhecer e registrar os topônimos das comunidades, dos igarapés e de alguns furos da região insular de Ananindeua.

As entrevistas foram feitas com moradores das ilhas, levando em consideração a idade e atividade profissional: o sr. Manoel Nazareno, 76 anos, morador das ilhas, neto de Domiciano de Farias; a sra. Surama do Socorro, 38 anos, pescadora e moradora da ilha desde seu nascimento; o sr. Manoel de Deus Souza Mota, 50 anos, professor pedagógico da ilha há 25 anos; o sr. Benedito Farias de Souza, 63 anos, neto mais novo de Domiciano de Farias; o sr. Pijoca, 61 anos, barqueiro; e o sr. Raimundo Nonato, 71 anos, pescador e morador da ilha João Pilatos.

4. Discussão dos resultados

Ao se proceder à catalogação e ao registro dos topônimos, foi empreendida uma análise quantitativa, considerando o tratamento estatístico dos dados expressos em tabelas, com análise dos seguintes aspectos: etimologia e estrutura morfológica. Cabe ressaltar que os topônimos foram analisados com base na consulta às obras lexicográficas de língua indígena, dicionários que poderão confirmar ou descartar a origem indígena dos nomes. Os principais dicionários consultados foram: *Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi* (Tibiriçá 1985); *O tupi na geografia nacional* (Sampaio 1987); *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi* (Cunha 1998) e *Contribuição indígena ao Brasil* (Gregório 1980).

Para este trabalho foram extraídos 13 topônimos dos 48 de origem indígena analisados na pesquisa supramencionada. Os topônimos selecio-

nados são classificados como zootopônimo, classificação taxonômica mais ocorrente no corpus.

Apresenta-se, no Quadro 1, a seguir, os zootopônimos, organizados em ordem alfabética, da região insular de Ananindeua. Quanto à estrutura morfológica, obtiveram-se 9 topônimos de estrutura simples, 2, de estrutura composta, e 2, de estrutura composta híbrida. No que concerne à origem do nome, observou-se que dois são de dupla procedência.

Quadro 1 – Zootopônimos de origem indígena

TOPÔNIMO	ACIDENTE	ESTRUT. MORFOL.
Aninga	Igarapé	Simple
Arauari (Tauari)	Ilha	Simple
Camury	Igarapé	Simple
Ciryuba	Igarapé	Composto
Guamá	Rio	Simple
Jararaca	Igarapé	Simple
Jiboia	Igarapé	Simple
Maguari-Açu	Rio	Composto
Maguari	Rio, Furo - 2 ocorrências	Simple
Piramanha	Igarapé	Composto híbrido
Piramiona	Igarapé	Composto híbrido
Sauaçú	Igarapé	Simple
Sororoca	Ilha e Comunidade - 2 ocorrências	Simple

Fonte: Elaborado pelos autores.

A nomenclatura geográfica tem a possibilidade de ser expressa por uma das onze taxonomias de natureza física sugeridas por Dick (1990). No universo pesquisado encontram-se treze (Arauari, Sororoca, Jararaca, Guamá, Maguari, Maguari-Açu, Jiboia, Camury, Ciryuba, Sauaçú, Paramiona, Piramanha e Aninga). Referentemente a tais nomes, Sampaio (1955 *apud* Dick 1990a:315) afirma que:

As denominações tupis das localidades ou dos indivíduos, como todos os epítetos de procedência bárbara, são de uma realidade descritiva admirável, exprimem sempre as feições características do objeto denominado, como produtos que são de impressões nítidas,

reais, vivas, como soem experimentar os povos infantis, incultos, no máximo convívio com a natureza. Expressam também meros acidentes em uma circunstância qualquer, mas que deixaram viva recordação no ânimo dos selvagens.

As pesquisas que expressam a predominância das taxonomias da categoria de natureza física ocorrem principalmente por se tratar de topônimos de origem indígena. A variedade de ambientes na Amazônia, como rios imponentes, ilhas pantanosas, contornos imprevisíveis e condições ambientais estranhas, favorecem esse nomear indígena. A relação maternal que esses povos estabelecem com a natureza teve significativa influência no ato de nomeação.

A superioridade na produtividade da taxonomia relacionada à índole animal evidencia a valorização do meio ambiente e da atividade pesqueira, considerada a mais recorrente entre os primeiros habitantes da região insular de Ananindeua.

Assim, apresentaram-se:

- 1- Aninga (ave);
- 2- Arauari (ave);
- 3- Camury (peixe);
- 4- Ciryuba (crustáceo);
- 5- Guamá (peixe);
- 6- Jararaca (cobra);
- 7- Jiboia (cobra);
- 8- Maguari-Açu (ave);
- 9- Maguari (ave);
- 10- Piramanha (peixe);
- 11- Piramiona (peixe);
- 12- Sauaçu (macaco);
- 13- Sororoca (peixe).

O estado do Pará apresenta as mesmas características dos outros territórios que também fazem parte da Amazônia: clima quente e úmido, vegetação típica da floresta amazônica e uma bacia hidrográfica considerada

a maior do mundo. Dentre os 144 municípios do Pará, o de Ananindeua, escolhido para este estudo, é o segundo mais populoso, ficando atrás somente da capital, Belém. Seu designativo é um topônimo de Natureza Física, também de origem indígena/tupi, enquadrando-se na taxonomia de índole vegetal – os fitotopônimos.

Na cidade de Ananindeua, a região das ilhas é desconhecida por grande parte dos habitantes urbanos e de difícil acesso, pois não há estrutura física adequada no Porto do Surdo, nem embarcações de uso coletivo, o que poderia justificar a restrição do acesso às referidas ilhas – o que também justificaria a ausência de registros dos topônimos das comunidades, dos igarapés, dos furos e de alguns rios nas secretarias municipais competentes.

Notou-se também que não houve mudança desses nomes. Observa-se, através de estudos toponímicos, que essa mudança muitas vezes atende a interesses políticos ou a convicções religiosas, o que desconfiguraria identidades indígenas tão presentes na toponímia da região insular do município. Tal constatação aproxima-se da realidade toponímica da região insular, pois a predominância dos zootopônimos nas taxonomias de natureza física reafirma a influência da cultura indígena no ato da nomeação. Exaltar a natureza é de fato uma prática dos povos indígenas, conforme registrado por Souza (2009), a seguir.

Quando o pai da Tariana quer que seu filho seja uma pessoa importante, ele o apresenta à natureza para que esta o respeite. O pajé leva em êxtase o iniciado até o Lago de Leite para ali escolher o nome da criança. O pajé sopra para o fortalecimento do coração, pois quando se inicia uma vida é preciso dar a ela a força da natureza (Souza 2009:62, grifo nosso).

Nomear algo ou alguém com nomes da fauna e da flora amazônica é produzir elementos onomásticos que contribuem para a compreensão de traços identitários de um povo. Para Isquierdo (2008:34), “os topônimos confirmam a tese de que a história das palavras caminha muito próxima à história de vida do grupo que dela faz uso”.

5. Conclusão

Nos nomes de bairros, comunidade, ilhas, igarapés, rios e furos aqui pesquisados e documentados estavam silenciados rastros de memória *sine qua non* para um resgate cultural de um povo e uma língua vultosa. Estudá-

los nos permitiu mergulhar em um mar profundo e cheio de possibilidades históricas.

Estudar o nome de um lugar é, claramente, percebê-lo como símbolo de resistência. Resistência de um povo devastado pela ambição, pela ignorância, pelo fanatismo e pelo egoísmo, mas que deixou marcas de sua existência, de seu amor pela natureza, de sua obediência às crenças e costumes dos seus. Fala-se aqui dos povos indígenas, aqueles que foram assassinados, em sua maioria, pelos colonizadores e que, em meio ao banho de sangue, causador de sua extinção, deixaram-nos um legado histórico, concebido por meios dos estudos toponímicos, à luz da onomástica. Nesse sentido, Dick considera que, ao ser exercido um olhar toponimista, é preciso perceber que “o topônimo não é algo estranho ou alheio ao contexto histórico-político [...]” (1990a:48). É nesse contexto que se retoma a ideia, supramencionada, de nomes como símbolos de resistência, como motivações que resistem ao espaço-tempo e que, uma vez desvendados, revelam-se como a tradução cultural de um povo e do contexto histórico-político no ato de sua nomeação.

Entre os acidentes físicos, principalmente, e humanos, pôde-se notar que, ao escolher um nome, o homem procura retratar o que tem de mais valioso no local que acaba de conquistar, destacando, principalmente, os animais – a exemplo, temos os nomes Guamá e Maguari.

O conjunto de informações registrados e os resultados obtidos por meio da presente pesquisa despertam ainda mais a necessidade de se desenvolverem trabalhos na área da Toponímia, dada à importância do estudo dos nomes e, conseqüentemente, dos demais fatos da linguagem, necessitando de investigações linguísticas mais extensivas. Embora se tenham alcançado os objetivos deste estudo, ainda há muitos desafios acerca da região, sobretudo pela ausência de registros dos nomes de lugares não alcançados. Outrossim, já que despertamos, em solo paraense, em direção aos estudos onomásticos, em especial aos topônimos, esperamos que possamos traçar objetivos ainda mais ambiciosos no que diz respeito à quantidade de topônimos documentados e analisados nesse extenso sítio arqueológico que, no ato de sua nomeação, ganhou o designativo *Pará*.

Referências

Bechara, Evanildo. 2011. *Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras*: língua portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

- Biderman, Maria Tereza Camargo. 2001. *Teoria lingüística. Teoria lexical e lingüística computacional*. São Paulo: Martins Fontes.
- Candau, Joel. 2018. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto.
- Carvalho, Moacyr Ribeiro. 1987. *Dicionário tupi (antigo) – português*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia.
- Costa, Albenizia; Assano, Miciko; Jansen, Tilcia. 2014. *Atlas Básico do Município de Ananindeua*. Belém: Marajoara.
- Cunha, Antônio Geraldo. 1998. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. 4. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos; Brasília, DF: Universidade de Brasília.
- Dargel, Ana Paula Tribesse Patrício; Ribeiro, Ana Lúcia. 2013. Toponímia: Teoria Geral e Análise Quantitativa dos Litotopônimos do Estado de Mato Grosso do Sul catalogados no Atems. *Web Revista*. Página de debates. 22. ed.
- Dick, Maria Vicentina de Paula do Amaral. 1987. *Toponímia e Antroponímia no Brasil*. Coletânea de Estudos. FFLCH-USP. São Paulo.
- Dick, Maria Vicentina de Paula do Amaral. 1990a. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo.
- Dick, Maria Vicentina de Paula do Amaral. 1990b. *Toponímia e antroponímia no Brasil: coletânea de estudos*. 2. ed. São Paulo, FFLCH/USP.
- Gregório, Irmão José. 1980. *Contribuição Indígena ao Brasil*. III vol. Belo Horizonte: União Brasileira de Educação e Ensino.
- Isquierdo, Aparecida Negri. 2008. O nome do município. um estudo etnolinguístico e sócio-histórico na toponímia sul-mato-grossense. *Prolíngua*, v. 2, n. 2, 11.
- Isquierdo, Aparecida Negri. 2012. A Motivação na toponímia: algumas reflexões. In Sella, Aparecida Feola; Corbari, Clarice Cristina; Bidarra, Jorge (org.). *Pesquisas sobre léxico: reflexões teóricas e aplicação*. Campinas, SP: Pontes Editora.
- Mendes, Gisele Alves. 2003. *Ananindeua: dos trilhos ao asfalto*. Edição do Autor, Ananindeua.
- Mendes, Raimunda Lopes R. 2016. *Educação ribeirinha: paradigmas, diversidade e saberes – Ilha de João Pilatos – Escola Domiciano de Farias*.

Ananindeua: Edição do autor.

Navarro, Eduardo de Almeida. 2013. *Tupi antigo: A língua indígena clássica do Brasil*. São Paulo: Global.

Oliveira, KJS. 2020. *Estudo Toponímico no Município de Ananindeua-Pará*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará.

Sampaio, Teodoro. 1987. *O tupi na geografia nacional*. 5. ed. São Paulo: Nacional.

Souza, Márcio. 2009. *História da Amazônia*. Manaus: Editora Valer.

Tibiriçá, Luiz Caldas. 1985. *Dicionário de Topônimos Brasileiros de Origem Tupi*. São Paulo: Editora Traço.